



Diálogos

<http://dx.doi.org/10.4025.dialogos.v24i1>

ISSN 2177-2940
(Online)

ISSN 1415-9945
(Impresso)

De Roma para o Atlântico. Jornais e jornalistas de língua italiana entre a Itália, a Europa e a América Latina durante o fascismo

<http://dx.doi.org/10.4025.dialogos.v23i3.44074>

 João Fábio Bertonha

Universidade Estadual de Maringá, Brasil. E-mail: fabiobertonha@hotmail.com

Palavras-chave: Itália; fascismo; América Latina; propaganda; jornais.	De Roma para o Atlântico. Jornais e jornalistas de língua italiana entre a Itália, a Europa e a América Latina durante o fascismo Resumo: Durante o período fascista, a imprensa era considerada um instrumento fundamental para a criação do "homem novo" italiano e, da mesma forma, para a difusão dos ideais do fascismo fora da Itália. Através de várias agências governamentais (e, posteriormente, do MinCulPop), o governo italiano promovia a circulação de artigos e de material de propaganda pelo mundo, nos mais diversos idiomas. Do mesmo modo, a imprensa em língua italiana, publicada nos vários países de imigração italiana, servia de instrumento para essa mesma divulgação. O objetivo dessa comunicação é apresentar os canais de reprodução jornalística (os jornalistas, os jornais, as franquias telegráficas e outros), tanto em língua italiana como em outros idiomas, que conectavam a Itália com os países da América Latina. Em última instância, o objetivo é verificar como a imprensa e os jornalistas foram fundamentais na criação de uma rede transnacional fascista entre a Itália, a Europa e a América Latina no período considerado.
Key words: Italy; Latin America; fascism; propaganda; newspapers.	From Rome to the Atlantic. Italian-language newspapers and Italian journalists between Italy, Europe and Latin America during fascism Abstract: During the fascist period, the press was considered a fundamental instrument for the creation of the Italian "new man" and, likewise, for the diffusion of the ideals of fascism outside Italy. Through various government agencies (and later MinCulPop), the Italian government promoted the circulation of articles and propaganda material around the world in several languages. Similarly, the Italian-language press, published in many countries, served as a tool for the same purpose. This article addresses the channels of journalistic reproduction (journalists, newspapers, telegraphic concessions and others), both in Italian and in other languages, which connected Italy with the countries of Latin America. Ultimately, the objective is to verify how the press and the journalists were instrumental in the creation of a transnational fascist network between Italy, Europe and Latin America during the period considered.
Palabras clave: Italia; América Latina; fascismo; propaganda; prensa.	De Roma al Atlántico. Periódicos y periodistas de lengua italiana entre Italia, Europa y América Latina durante el fascismo Resumen: Durante el período fascista, la prensa era considerada un instrumento fundamental para la creación del "hombre nuevo" italiano y, de la misma forma, para la difusión de los ideales del fascismo fuera de Italia. A través de varias agencias gubernamentales (y posteriormente del MinCulPop), el gobierno italiano promovía la circulación de artículos y de material de propaganda por el mundo, en los más diversos idiomas. De la misma manera, la prensa en lengua italiana, publicada en los distintos países de inmigración italiana, servía de instrumento para esa misma divulgación. El objetivo de esta comunicación es presentar los canales de reproducción periodística (los periodistas, los periódicos, las franquicias telegráficas y otros), tanto en lengua italiana como en otros idiomas, que conectaban Italia con los países de América Latina. En última instancia, el objetivo es verificar cómo la prensa y los periodistas fueron fundamentales en la creación de una red transnacional fascista entre Italia, Europa y América Latina en el período considerado.
Artigo recebido em: 10/08/2018. Aprovado em: 10/09/2018.	

Introdução

A importância da imprensa dentro da política contemporânea é mais do que conhecida. Jornais e revistas são canais para a difusão de ideias, de perspectivas, de conceitos e de preconceitos, permitindo a sua repercussão na sociedade. A mídia escrita reflete o público leitor e, ao mesmo tempo, ajuda a formar a sua opinião e a conduzir a sua ação política e social.

Controlar esse instrumento se revelou uma necessidade fundamental para o poder constituído e, desde o Antigo Regime, a polícia e outras forças do Estado utilizaram a repressão para disciplinar a mídia impressa, incluindo jornais, revistas, livros e panfletos. O controle e a repressão aos periódicos inimigos sempre foram suplementados por uma ação positiva, de financiamento e apoio aos jornais que defendiam as perspectivas convenientes ao grupo no poder.

No caso dos regimes fascistas, esse sistema de controle foi ainda mais aperfeiçoado e a Itália fascista não foi exceção. Na Itália de Mussolini, a imprensa foi rigidamente controlada e, no mundo da emigração italiana, procurou-se atingir o mesmo objetivo, dada a importância dos jornais, também no mundo emigrado, para a reprodução ideológica do fascismo.

No mundo da emigração, na verdade, a mídia impressa tinha importância ainda maior para o regime. Os emigrantes italianos, no exterior, estavam submetidos à influência das suas sociedades hospedeiras, em muitos casos em um sentido antifascista. Controlar e disciplinar a imprensa em língua italiana era ainda mais fundamental se realmente se queria manter os emigrantes italianos ligados à Itália e ao fascismo.

O presente texto busca discutir esse tema, destacando os instrumentos e métodos utilizados pelo fascismo para o controle da imprensa em língua italiana no exterior e para a difusão da mensagem fascista entre os estrangeiros. Para tanto, o artigo abordará, inicialmente, o sistema de propaganda italiano no exterior e a importância da imprensa no mesmo. Feito isso, destacar-se-á a rede de periódicos criada pelo fascismo na América Latina em suas múltiplas facetas e conexões. Por fim, será feita uma reflexão conclusiva sobre a importância dessa imprensa na construção de uma rede transnacional fascista e sobre os elementos materiais e práticos que a sustentavam.

O tema da imprensa italiana no exterior e sua relação com o fascismo já foi contemplado em um sem número de estudos (Bertonha, 2015b, 2017a) e esse texto não terá a preocupação de citar a todos. Pelo contrário. Procurarei manter as referências bibliográficas em número mínimo, remetendo a textos gerais – meus ou de outros – para aprofundamentos. Do mesmo modo, o que se pretende é uma abordagem geral sobre o tema, sem a preocupação de abordar em detalhes todos os periódicos, jornalistas e outros instrumentos que formavam a rede fascista.

O sistema de propaganda fascista para o exterior

Nos dez primeiros anos do regime fascista, o grande objetivo de Mussolini e seus assessores era o de consolidar o próprio poder e domínio na Itália, ao mesmo tempo em que buscavam apoio e amizade no exterior. Isso se refletiu numa política externa menos agressiva do que aquela que viria na década seguinte e numa renúncia à propaganda ideológica maciça no exterior.

Essa renúncia era, em boa parte, apenas teórica, pois, desde cedo, ao menos algum esforço sistemático de propaganda fascista no exterior sempre esteve presente; esforço este, aliás, que tinha nas colônias de emigrados um instrumento-chave. É uma realidade, porém, que a estrutura de propaganda fascista para o exterior ainda estava funcionando, na década de 1920, em caráter embrionário.

Obviamente, essa relativa precariedade da máquina de propaganda fascista para o exterior sofria variações conforme o contexto para a qual era dirigida. Num país vital para o regime fascista como os Estados Unidos, por exemplo, há desde muito cedo referências a instituições mais organizadas de propaganda fascista para os americanos, como a *The Italian American Society* e o *The Institute of Italian Culture*. Também na França, o esforço de difusão ideológica do fascismo foi sistemático já na década de 1920, enquanto num país pouco importante para o fascismo, como o Peru, o governo italiano pouco se preocupou, no decorrer dos anos 1920, em difundir o fascismo e a grandeza da Itália para os peruanos. Essa situação mudaria radicalmente com a chegada da década de 1930.

Nessa década, o esforço para a difusão do fascismo cresceu de maneira notável, atingindo a Suíça, a Alemanha, a Hungria e outros países. Também se registrou um aumento do uso do rádio para atingir as populações estrangeiras - especialmente na bacia do Mediterrâneo - e a transformação da política cultural de defensiva (preservação e divulgação dos valores italianos no mundo) para ofensiva (instrumento de política externa e da geopolítica), conforme indicado por Codioli (1988) e Petersen (1986).

A Guerra da Etiópia entre 1935 e 1936 representou, sem dúvida, um dos momentos-chave para a consolidação do aparato de propaganda do regime. Isso tanto no front interno, como no externo: em países tão diversos como o Canadá, o Reino Unido, o Peru e outros, a estrutura italiana para a propaganda foi grandemente ampliada.

Outro sinal dessa sofisticação dos órgãos fascistas responsáveis pela divulgação do fascismo e da cultura italiana no exterior foi a assinatura de acordos culturais com um grande número de países a partir de 1936 e a criação do *Istituto per le relazioni culturali con l'estero* em 1938 para unificar os esforços culturais fascistas no exterior, o que indica como o sistema de difusão cultural e de propaganda fascista estava se centralizando e se desenvolvendo (Petersen, 1986)

Esse redimensionamento exigiu uma notável reorganização da arquitetura governamental italiana para dar conta dos novos propósitos do governo de Mussolini. De fato, surgiram em 1928 o Escritório de Imprensa do *Ministero degli Affari Esteri* e o Escritório de Imprensa do chefe de governo, os quais foram substituídos, em 1934, pelo Subsecretariado de Imprensa e Propaganda. O sistema se sofisticou ainda mais em junho de 1935, quando surgiu o Ministério de Imprensa e Propaganda e em janeiro de 1937, quando veio à luz aquele que seria o cume da estrutura de propaganda e de divulgação da cultura fascista dentro e fora da Itália, ou seja, o *Ministero della Cultura Popolare* ou MinCulPop. (Serra, 1986, Garzarelli, 2002 e 2004)

Esse aperfeiçoamento da estrutura de propaganda italiana e, o que é mais importante, sua tentativa de transformar a mera propaganda em algo mais abrangente e sofisticado se explica em boa parte pela concorrência ideológica crescente da Alemanha nazista e pelo renovado desejo do fascismo em apresentar-se como solução dos problemas mundiais, assim como pela instrumentalização da política cultural e de propaganda feita pelo regime para favorecer uma política externa cada vez mais agressiva.

Em cada um dos contextos onde atuou, além disso, a propaganda fascista procurava se adaptar (nem sempre, como veremos, com sucesso) às realidades locais e aos objetivos da política externa italiana e interagiu não só com a contrapropaganda local como com as máquinas de propaganda de outros países que porventura estivessem presentes. Isso ocorreu, por exemplo, na Suíça, onde houve uma verdadeira guerra de propaganda e difusão cultural com o governo federal suíço pelo domínio cultural e ideológico do cantão Ticino (Codioli, 1992) ou na América Latina, objeto direto desse artigo.

A América Latina e a propaganda do fascismo

A América Latina era importante nos esforços de propaganda e mobilização do regime fascista. Certamente, o continente ficava atrás, nas prioridades de Roma, da Europa, do norte da África e dos Estados Unidos. Mesmo assim, dada a presença de imensas coletividades italianas na região e os vínculos culturais e linguísticos com as antigas colônias espanholas e portuguesas, a América Latina tinha importância nos desígnios imperiais de Roma, especialmente, mas não só, nos anos 1930 (Bertonha, 2010b).

Na década de 1920, Roma concentrou seus esforços, com resultados variados, na conquista das coletividades italianas instaladas na região. Para tanto, recorreu tanto à difusão e expansão das estruturas do PNF (os *fasci all'estero* e, posteriormente, os *Dopolavoro* e as *Casa d'Italia*), como a conquista, fundação e/ou refundação das associações, dos jornais e de outros organismos da vida associativa dos italianos nos vários países do continente. (Bertonha, 2017b)

Nos anos 1920, as iniciativas do governo italiano frente ao continente estavam claramente relacionadas ao trinômio cultura-emigração-comércio com o qual Roma pretendia aumentar a sua presença entre os latino-americanos. Os esforços de propaganda foram pequenos e se restringiram a atividades culturais e de promoção do comércio, como a viagem do navio Italia em 1924.

Nos anos 1930, a situação mudou radicalmente, tanto pelas modificações no aparato estatal italiano identificadas anteriormente, como pelo crescente interesse de Roma pelo continente. Não surpreende, portanto, que a estrutura de propaganda italiana para a América Latina tenha começado a se sofisticar na primeira metade da década de 1930.

Essa maior sofisticação se refletiu em vários campos. Ao lado da potencialização dos métodos já conhecidos de conferências, distribuição de livros e publicações, etc., o governo italiano começou a enviar grandes quantidades de artigos, fotos e material de propaganda para serem distribuídos em jornais e houve esforços para colocar filmes italianos em circuito comercial. O período da Guerra da Etiópia foi especialmente importante nesses esforços e ele prosseguiu nos anos seguir, em competição com os sistemas propagandísticos da Alemanha e dos Estados Unidos, especialmente. (Bertonha 2000 e 2001).

A propaganda fascista não se restringia à mídia escrita. Como convinha a um movimento que foi pioneiro no uso dos modernos meios de comunicação de massa, o fascismo não descuidou de dois inovadores métodos de propaganda que estavam sendo aperfeiçoados justamente no entre guerras: o rádio e o cinema. As exposições e as cerimônias também foram bastante aproveitadas para fins de propaganda. A mídia impressa, contudo, era a central para os projetos do regime e livros, folhetos, artigos e outras publicações foram produzidos em massa para fins de propaganda.

Uma técnica bastante utilizada pelos fascistas para difundir sua ideologia foi a distribuição maciça de publicações sobre a Itália e sobre o fascismo. Tais publicações constituíam-se normalmente de folhetos de caráter geral e para consumo popular. Escritas em português, italiano e espanhol, tais obras abordavam assuntos variados, como as grandes obras do fascismo, a doutrina corporativa, a guerra africana e outros aspectos da vida e da ideologia do fascismo. Um órgão especial do MinCulPop, o escritório NUPIE, se encarregava de fazer propaganda anticomunista, enviando grandes quantidades de folhetos a respeito para os países do continente.

Podemos ter uma ideia do volume dessas publicações lendo os informes de diversos consulados italianos em toda a América Latina reportando, cada um, a entrega de centenas ou milhares de impressos em suas jurisdições em curtíssimos períodos e, especialmente, através da seguinte tabela preparada pelo próprio MinCulPop:

Publicações enviadas à América Latina, janeiro a agosto 1937

Argentina	63.742	Honduras	401
Brasil	11.785	Nicarágua	950
Colômbia	4.337	Paraguai	426
Peru	688	Uruguay	1.513
México	2.022	Cuba	824
El Salvador	588	Assunção	11
Bolívia	761	Venezuela	948
Chile	4.274	Panamá	297
Costa Rica	603	Rio de Oro (?)	420
Rep. Dominicana	391	Havana	33
1. Equador	2. 666	3. São Domingos	4. 7
Guatemala	1150		

Fonte: Seitenfus (1990, p. 40)

Fica evidente, pelo exposto, como a palavra escrita ainda era de suma importância, naquela época, para o projeto de expansão cultural e ideológica do fascismo. Pensar na palavra escrita era pensar nos intelectuais, nos escritores e nas pessoas com maior instrução, os quais foram cativados com a concessão de comendas, viagens à Itália e bolsas de estudos, além de farta distribuição de livros sobre o fascismo para intelectuais e universidades. Os intercâmbios acadêmicos também foram fortalecidos, com a criação de vários institutos culturais e o reforço dos contatos com acadêmicos e intelectuais.

O coração da mídia escrita, contudo, não estava nos livros, nas trocas acadêmicas e nem nos folhetos de divulgação, apesar da sua importância. Os jornais e os jornalistas que os escreviam formavam o centro do sistema, o eixo ao redor do qual girava toda a máquina de propaganda. Era nos jornais que os intelectuais difundiam a sua mensagem para o grande público, onde os livros e folhetos de divulgação eram comentados e onde os filmes ou programas de rádio eram propagandeados e discutidos. Era através dos jornais e revistas que se atingia o grande público nas cidades e, de forma indireta, os mais pobres e os moradores do campo.

Jornais e jornalistas: uma rede intrincada de difusão do fascismo

No que se refere à imprensa, a rede de apoio criada pelo regime italiano durante seus anos de poder foi realmente impressionante. Na Itália em si, a repressão e o controle dos recursos garantiram uma imprensa subserviente e adaptada aos interesses de Mussolini. Já no exterior, fora

do alcance pleno do sistema repressivo italiano, os esforços de controle tiveram que ser mais sutis, mas, mesmo assim, foram expressivos.

O primeiro eixo desse projeto era a conquista dos jornais em língua italiana. Isso incluía desde pequenos jornais de coletividades isoladas e publicações menores, como os grandes diários, como o *Fanfulla* ou o *Il Piccolo* de São Paulo ou o *Il Progresso Italo-Americano*, de Nova York. Ao mesmo tempo, fez-se um grande esforço para boicotar e atrapalhar a imprensa antifascista e impedi-la de circular. Em locais como a Argentina, esse esforço foi apenas parcialmente bem-sucedido, enquanto em outros, como no Brasil, a imprensa antifascista praticamente cessou de existir depois de um certo período.

A fundação de jornais e revistas também era uma prática comum. Por todo o continente, foram criadas inúmeras publicações – de formato e alcance variáveis – para a defesa do fascismo e das suas obras. Nesse caso, a iniciativa podia ser do regime fascista – através dos consulados ou dos *fasci all'estero* – ou de indivíduos, muitas vezes interessados em conseguir dinheiro e apoio para si.

Além da imprensa em língua italiana, os fascistas também se esforçaram muito para atingir a dos países latino-americanos. O objetivo, evidentemente, era duplo. De um lado, a repercussão positiva do fascismo nos periódicos locais reforçava o seu prestígio nas coletividades italianas. Por outro lado, era conveniente ao fascismo a conquista do máximo possível de popularidade entre brasileiros, chilenos ou dominicanos, já que essa popularidade seria instrumental para os desígnios imperiais fascistas na região.

O método mais direto de ação era o controle financeiro direto ou o fornecimento de subsídios e/ou suborno aos jornais, aos jornalistas e aos proprietários de jornais. Nesse sentido, um exemplo claro foi a compra do controle da *União Jornalística Brasileira* pelo consulado italiano de São Paulo, através da qual artigos pró-Itália eram enviados regularmente, e em grande quantidade, para dezenas de jornais brasileiros na segunda metade da década de 1930. Os consulados também pagavam regularmente subsídios e apoios a inúmeros jornais, tanto no Brasil (Bertonha, 2001) como em todo o continente.

Outra maneira usual de conquistar os jornais – em língua italiana ou não – era a concessão de facilidades para suas atividades. A isenção de pagamento para as franquias telegráficas era um método comum e muitos jornais foram cativados pela possibilidade de receber o serviço da *Agenzia Stefani*, por exemplo, sem pagamento ou com tarifa reduzida.

No mesmo sentido, a distribuição maciça e gratuita de artigos e fotografias para os jornais e revistas era um atrativo que era utilizado em todo o continente. Os arquivos italianos estão repletos de documentos confirmando o envio em massa de artigos, fotografias e demais materiais de propaganda a centenas de jornais e revistas em todo o continente americano, especialmente entre

1934 e 1940. Essa distribuição, aliás, não era feita a esmo, mas com cuidadosas reflexões sobre os momentos mais apropriados para difundir o material e sobre como aperfeiçoar o serviço.

Os vários níveis de ação, na verdade, se combinavam ou se articulavam em vários momentos. Jornais italianos da Bolívia ou da Colômbia podiam replicar notícias favoráveis publicadas em periódicos bolivianos ou colombianos e esses, por sua vez, davam destaque a matérias publicadas originalmente nos jornais em língua italiana. Um repórter de um jornal peruano podia escrever uma reportagem favorável à Itália e tê-la traduzida e publicada no jornal italiano de Lima. O circuito se retroalimentava continuamente e esse objetivo era desejável e perseguido pelo regime.

Um elemento fundamental na alimentação dessa rede foi a *Agenzia Stefani*. Fundada em 1853 e sempre em estreito contato com os governos italianos, ela foi potencializada durante o governo fascista. No campo técnico, foi aperfeiçoado o sistema de transmissão de notícias e fotografias via rádio e telégrafo. A agência, além disso, ampliou, aos poucos, sua independência das outras redes internacionais de mídia e, a partir de 1935, criou um verdadeiro serviço mundial de difusão de informações.

No caso latino-americano, a Stefani previa duas grandes bases de apoio (Rio de Janeiro e Buenos Aires) para atingir o Brasil e a Argentina, com despesa anual de cerca de meio milhão de liras. O cabo submarino Italcable seria uma das chaves desse sistema, recordando-se que ele foi inaugurado já nos anos 1920. Nas bases do Rio e Buenos Aires estavam fascistas atuantes no jornalismo local, ou seja, Nunzio Greco e Mario Intaglietta. (Canosa, 2003, p. 72-83)

Ainda na América Latina, foi fundada, em 1934, a Roma Press, uma agência de propaganda ligada ao jornal *Il Mattino d'Italia*. Através dela, com sede em Buenos Aires e que recebia materiais tanto da *Agenzia Stefani* como da alemã *Transocean*, artigos e outros materiais eram enviados para periódicos fascistas ou filo-fascistas argentinos, chilenos, bolivianos e uruguaios. Seu diretor, Tommaso Milani, era redator do *Il Mattino d'Italia* e editor na Argentina de obras produzidas pelo CAUR italiano (Scarzanella, 2005, p. 160). Sabemos pouco, na verdade, sobre essa agência, mas fica evidente a sua importância na circulação de notícias, ao menos no Cone Sul latino-americano.

O nível de envolvimento ou de empenho dos italianos variou, evidentemente, conforme o país em questão, a época e os interesses envolvidos. Os instrumentos, contudo, eram sempre mais ou menos semelhantes e, aliás, eram próximos de outros atores – como os alemães e os norte-americanos – que se envolveram nessa disputa posteriormente.

O sistema, evidentemente, não era perfeito e a documentação italiana relacionada à América Latina demonstra os problemas e defeitos do sistema então montado, especialmente quando em confronto com a crescente máquina propagandística alemã e americana. A sua magnitude e detalhamento, contudo, são evidentes.

Os jornalistas que escreviam milhões de palavras ao ano nos jornais em língua italiana, espanhola ou portuguesa recebiam especial atenção do governo italiano, já que eram, obviamente, a força viva que fazia a rede de imprensa funcionar. Alguns jornalistas e jornais – italianos ou estrangeiros - certamente eram simpáticos ao fascismo e forneciam gratuitamente o seu trabalho e o seu espaço jornalístico para a divulgação de notícias positivas sobre o fascismo. Jornais como o *La Nación* argentino ou *O Estado de S. Paulo* brasileiro e os jornalistas que neles trabalhavam eram geralmente simpáticos ao fascismo, por proximidade, ainda que parcial e com ressalvas, ideológica.

Normalmente, porém, a obtenção do apoio da classe jornalística e dos jornais passava por um lento trabalho de conquista, no qual a distribuição de comendas e as viagens gratuitas à Itália não eram incomuns. Subsídios e subornos também eram a tônica.

No caso específico dos jornalistas de língua italiana, há de se levar em conta a particular situação dos jornais e dos jornalistas italianos na América Latina, como indicado pela historiografia tradicional e pela mais recente (Deschamps, 2002; Trento, 2011 e 2013; Bertagna, 2009; Sergi, 2011).

Em linhas gerais, eles eram normalmente homens de classe média baixa, defensores, em diversas gradações, do nacionalismo e próximos ideologicamente do fascismo. Ao mesmo tempo, eles viviam uma situação social particular. A maioria era composta de homens que exerciam a profissão de jornalista na Itália e emigravam para fundar ou escrever em jornais de língua italiana ou letrados que, na realidade da emigração, iniciavam-se no ofício de jornalista.

No mundo emigrado, especialmente na América Latina, eles trabalhavam dentro de uma realidade extremamente precária. Os periódicos viviam em contínua penúria de leitores - por questões educacionais e linguísticas – e, conseqüentemente, financeira e estavam em contínua concorrência. Poucos se sustentavam financeiramente com assinaturas e vendas e todos, praticamente, tinham que recorrer a subsídios e apoios tanto do governo italiano como dos italianos ricos de São Paulo, de Buenos Aires e de outras cidades. A precariedade dos jornais se refletia na vida dos jornalistas e dos proprietários dos jornais, continuamente vendendo seus serviços a quem pudesse pagar. Nesse contexto, o fascismo pôde avançar nos seus objetivos mesmo sem contar com o poder da polícia, como na Itália, pois apenas a dependência financeira já era instrumento suficiente.

O dinheiro era, efetivamente, o combustível de todo o processo. Milhões de liras foram gastos pelos Consulados para o pagamento de subsídios e subornos e para apoiar a publicação de artigos, fotografias, etc. O dinheiro também foi utilizado para fundar novos jornais e revistas e para comprar o controle acionário de outros, como ocorreu com o *Fanfulla* em São Paulo. O dinheiro também foi fundamental para melhorar a rede de comunicação radiofônica e telegráfica que unia a Itália ao continente latino-americano.

Esse dinheiro vinha dos cofres do Estado italiano, evidentemente, especialmente através do *MinCulPop*, do *Ministero degli Affari Esteri* e, indiretamente, através da *Agenzia Stefani* e outros órgãos. As coletividades italianas, contudo, também foram fundamentais nesse esforço financeiro. Os ricos italianos, especialmente, foram fundamentais para garantir os pagamentos aos jornais e aos jornalistas, para sustentar antigas publicações ou para fundar outras. A propaganda de suas empresas também era essencial para financiar os jornais em língua italiana e os da grande imprensa local.

Claro que havia variações de tom e perspectiva. *Italia d'Oltremare* - publicada em Buenos Aires de 1925 a 1944 e dirigida por Aldo Gremigni, jornalista italiano enviado a Argentina por Roma em 1925 – tinha um tom mais comercial e de defesa dos interesses dos industriais italianos e ítalo-argentinos, mas não por isso menos fascista. Nela, aliás, escreviam igualmente personalidades de direita argentinas, alguns dos quais ligados à *Liga Patriótica Argentina*. Já o *Mattino d'Italia*, fundado em 1930 pelo empresário italiano Vittorio Valdani e dirigido pelo famoso jornalista italiano Mario Appellius, era aberta e completamente fascista. (Scarzanella, 2005). No Brasil, jornais como *Il Piccolo* ou *Fanfulla* também tinha diferenças de tom e perspectiva e essa diferenciação se repete em todo o continente.

De qualquer forma, o que fica evidente é que sem os contínuos desembolsos de Matarazzo ou Crespi em São Paulo, de Vittorio Valdani na Argentina, de Gino Bianchini no Peru e de tantos outros, essa rede teria sido muito menos densa do que efetivamente foi. (Bertonha, 2001; Carducci, 2005; Scarzanella, 2005) Os consulados organizavam e pressionavam por essa colaboração, mas ela também refletia a fascistização da maior parte da elite italiana da região. Valdani, aliás, ainda em 1941, financiava uma sociedade tipográfica – a Bodonia - para apoiar o esforço de propaganda de guerra italiano em Buenos Aires, em acordo com Roma. (Scarzanella, 2005, p. 164)

A rede de imprensa criada incluía, assim, periódicos em língua italiana e outros em língua espanhola ou portuguesa que recebiam subsídios ou artigos da Itália. A Itália e seus representantes no continente eram o centro do sistema, a partir dos quais a rede era alimentada e recebia diretrizes. Entre as partes individuais da rede, contudo, os intercâmbios e troca de favores eram contínuos e, em alguns casos, os próprios jornalistas circulavam. Há registros, por exemplo, de jornalistas italianos atuando nos jornais nacionalistas argentinos ou colaborando com jornais integralistas no Brasil. A língua, evidentemente, poderia ser um problema, mas a própria semelhança entre o português, o espanhol e o italiano facilitava esses contatos, ao menos na América Latina. Entre os jornais de língua italiana do continente também havia algum tipo de contato e colaboração, ainda que em escala menor.

A rede impressa criada pelo fascismo teve repercussões de ponta no continente. O ideário fascista ou, no mínimo, autoritário, foi amplamente difundido não apenas nas comunidades

italianas, como também nas sociedades latino-americanas e isso colaborou para a formação de partidos e regimes fascistas e/ou autoritários em vários países da região. É óbvio que essa rede não foi o único instrumento de ação do fascismo e a esse não pode ser atribuída a responsabilidade única para a deriva à direita do continente naqueles anos. Seu papel, contudo, também não deve ser subestimado.

Conclusões

Como é de conhecimento geral, o fascismo italiano surgiu, como movimento, em 1919 e assumiu o poder em 1922. Já nos anos imediatamente posteriores à chegada de Mussolini ao poder, outros movimentos procuraram replicar a experiência fascista em outros países e realidades, como na França, na Espanha, na Alemanha ou no Brasil. Foi a primeira “onda fascista”, a qual foi minoritária frente a outros movimentos e grupos da direita (normalmente conservadores ou reacionários, como as inúmeras ligas nacionalistas que surgiram então) e produziu poucos resultados palpáveis. Não espantosamente, nessa década, o fascismo era visto, pela maior parte da opinião pública mundial, como um fenômeno italiano.

No início da década seguinte, com o abalo no sistema capitalista promovido pela crise de 1929 e a descoberta de que o fascismo não era um fenômeno restrito à Itália (dado o crescente poder do nazismo e a ascensão de Hitler ao governo alemão logo a seguir), surgiu uma nova “onda” de partidos fascistas pela Europa, Américas e Austrália, muitos recuperando e reciclando os homens e as ideias da década anterior. A partir desse momento, o caráter internacional do fascismo passou a ser evidente, enquanto a sua sobrevivência até os dias de hoje indica o seu caráter estrutural, sociologicamente relacionado aos momentos de crise do capitalismo.

O caráter internacional do fascismo levou, imediatamente, a estudos comparados entre os vários movimentos e grupos. Tais estudos continuam a ser feitos e representam uma parte substancial da historiografia produzida a respeito do tema, com todas as vantagens e desvantagens dessa abordagem teórica.

Mais recentemente, a história transnacional surgiu como uma alternativa (não necessariamente substituindo os estudos comparados, mas os complementando) à mera comparação. O foco passou da análise das semelhanças e das diferenças entre dois ou mais regimes ou movimentos para a identificação dos fluxos e contatos entre eles, ou seja, das trocas de ideias e de perspectivas entre os vários movimentos, do como eles estudavam uns aos outros, analisavam-se mutuamente e mudavam suas próprias perspectivas a partir do diálogo com o global. (Bertonha, 2010a e 2015a)

Outro avanço da perspectiva transnacional foi o reconhecimento que essas trocas intelectuais e políticas não se davam no vácuo. Para que as ideias pudessem circular e para que uma solidariedade global pudesse ser criada, havia necessidade de uma base material. As ideias circulavam tanto em forma física, através das viagens dos militantes e do intercâmbio entre grupos e regimes, como na forma impressa, em jornais, livros e revistas. Programas de rádio ou visitas navais e aéreas também podiam servir para promover essa circulação intelectual e simbólica entre os vários movimentos e grupos. Tudo isso, evidentemente, demandava dinheiro e, muitas vezes, a transferência direta de recursos financeiros entre os movimentos também era um instrumento chave para promover e difundir essa solidariedade e esse programa global.

Nesse contexto, os regimes fascistas – Itália e Alemanha – estavam em situação privilegiada. Já que eles tinham os recursos do Estado a sua disposição, eles tinham a disponibilidade material para fazer sua mensagem ecoar pelo mundo, atendendo as suas diretrizes de expansão ideológica e política. O orçamento estatal italiano ou alemão, combinado aos dos partidos fascista e nazista, permitia a expansão de suas redes partidárias no exterior, a produção e difusão maciça de programas de rádio, filmes e uma ampla gama de publicações, tanto para consumo interno como para distribuição externa. Além disso, somas – suplementadas por outras arrecadadas localmente, nas comunidades de emigrantes, por exemplo - podiam ser dirigidas para subsidiar partidos e movimentos afins no exterior, comprar a lealdade de grupos políticos e econômicos e financiar jornais e outras publicações na Europa, nas Américas e em outros locais.

Tudo isso indica como a formação dessas redes tinha, às vezes, um caráter ocasional, espontâneo, de pessoas e militantes que se aproximavam e dialogavam por afinidade ideológica e cultural. Ao mesmo tempo, contudo, fica evidente como havia também uma sólida base material sustentando e alimentando esse diálogo, base essa mantida pelos Estados fascistas para seus próprios fins de expansão imperial e ideológica pelo mundo.

Como já indicado, essa base material era formada de vários sistemas que se complementavam e integravam: filmes e programas de rádio, visitas e intercâmbios partidários, acadêmicos e outros; cerimônias e atividades em comum, etc. A palavra impressa era, nesse contexto, fundamental e compreendia a publicação maciça de livros, folhetos, revistas e jornais.

No caso dos jornais, o sistema era duplo. De um lado, o controle da imprensa nacional e a produção em massa de textos impressos garantia uma disponibilidade maciça de jornais para distribuição no exterior, supondo haver leitores em número adequado para tanto. De outro, era dada especial atenção à produção de material local, em italiano, português ou espanhol. Novamente, todo o processo era cuidadosamente planejado e detalhado tanto em cada localidade como no centro do sistema: a Itália e, acima de tudo, Roma.

A partir desse centro, a rede de contatos era ampla. A *Agenzia Stefani*, os consulados, os *fasci all'estero* e outras instituições italianas garantiam um fluxo contínuo de notícias, artigos e fotografias para publicações amigas em todo o mundo e jornalistas se moviam da Itália para Buenos Aires, São Paulo ou Montevidéu.

Os estímulos materiais que sustentavam e moviam essa rede eram imensos. Dos cofres do Estado italiano, saíam recursos para comprar e fundar jornais simpáticos ao regime, para subsidiar a imprensa local em direção dos interesses italianos e para cativar os jornalistas e intelectuais. Outros fundos eram utilizados para melhorar a infraestrutura de comunicação e para fazer circular impressos, pessoas e material de apoio. As comunidades italianas, por fim, forneciam um apoio substancial, o qual, em alguns casos e momentos, era maior do que o que vinha de Roma. Na época da guerra da Etiópia, por exemplo, a documentação italiana indica como as subscrições de guerra das coletividades italianas pagaram o grosso das atividades italianas – relacionadas ou não à imprensa – e como parte dos fundos arrecadados continuou a sustentar a propaganda italiana no continente até o início da década de 1940.

Claro que esse sistema não foi montado especificadamente para a América Latina. Se observarmos o que aconteceu nos Estados Unidos, na França e em vários outros locais do mundo, veremos que existem especificidades locais, mas que as igualdades são muito maiores. A América Latina, contudo, tinha duas especificidades de ponta.

A primeira é que nesse continente a proposta da “diplomacia paralela” de Mussolini (ou seja, a perspectiva de expansão imperial pela ideologia, pela cultura e pelos vínculos emigratórios e políticos) atuou de forma especialmente forte. Na Europa, na África do Norte ou em outros locais, essa diplomacia tinha sempre a retaguarda do poder militar e econômico italiano, ao menos em teoria, mas não na América Latina. Dessa forma, a importância da construção de redes como a da imprensa era ainda mais evidente.

E, em segundo, havia na América Latina uma elite italiana extremamente próspera e capaz de dar uma colaboração de peso no sustento e apoio a essa rede. Claro que houve variações regionais, como um apoio quase irrestrito da elite italiana do Brasil ou do Peru ao projeto (ainda que, claro, com restrições e acomodações) e alguma oposição na Argentina, no Uruguai ou na América Central. O quadro geral, contudo, é de um apoio mais ou menos amplo, que se corporificou num fluxo contínuo de apoio simbólico e, acima de tudo, dinheiro. Em outros contextos, como na África do Norte, a construção da rede de imprensa teve que contar, essencialmente, com os cofres do Estado italiano. Na América Latina, não só.

A construção de redes de apoio e sustento por parte da direita radical é um tema relativamente novo, especialmente quando pensamos em termos de sub-redes regionais, como na América Latina (Bertonha e Bohoslavsky, 2016). O que fica evidente, contudo, é que, por mais que

houvesse espontaneidade e voluntarismo (normalmente mediado pela solidariedade ideológica) na sua construção, quase sempre essas redes só atingiram a capilaridade e a difusão desejadas quando bancadas por amplos recursos materiais. Esses recursos podiam vir de empresários, do governo dos Estados Unidos ou de grupos de direita desse país (como parece ser o caso do momento presente) ou, no caso do período entre guerras, de Estados como a Alemanha ou a Itália. Reconhecer e recordar essa base material ampla que permitia as ideias e as ideologias se espalharem não é algo novo, mas fundamental se queremos entender a história política e o momento presente da América Latina e, provavelmente, do mundo todo.

Referências

BERTAGNA, Federica. *La stampa italiana in Argentina*. Roma: Donzelli, 2009.

BERTONHA, João Fábio. “Divulgando o Duce e o fascismo em terra brasileira: a propaganda italiana no Brasil, 1922-1943.” *Revista de História Regional*, v. 5, n.2, p. 83-110, 2000.

_____. *O fascismo e os imigrantes italianos no Brasil*. Porto Alegre: Editora da PUCRS, 2001.

_____. “Transnacionalismo e diáspora come concetti per capire l’emigrazione italiana: um riesame.” *Archivio Storico dell’emigrazione italiana* (ASEI), v. 6, n. 1, p. 133-141, 2010a.

_____. “¿Un imperio italiano en América Latina? Inmigrantes, fascistas y la política externa “paralela” de Mussolini”, in SAVARINO, Franco e GONZÁLEZ, José Luis. *México. Escenario de confrontaciones*. México: ENAH, 2010b, p. 161-188.

_____. “Transnacionalismo e diáspora: reavaliando conceitos e paradigmas teóricos das imigrações.” In GATTAZ, André; FERNANDEZ, Vanessa Paola Rojas. *Imigração e imigrantes: uma coletânea interdisciplinar*. Salvador: Editora Pontocom, 2015a, p. 55-67.

_____. *Fascismo, antifascismo e gli italiani all’estero. Bibliografia orientativa (1922-2015)*. Viterbo: Sette Città, 2015b (Quaderni Archivio Storico dell’Emigrazione italiana n. 14-15).

_____. *Fascismo, antifascismo e as comunidades italianas no exterior: guia bibliográfico (1922-2015)*. Porto Alegre: Editora da PUCRS, 2017a.

_____. “A Segreteria Nazionale dei fasci all’estero, a NSDAP-Auslandsorganisation, o Servicio Exterior de la Falange e as políticas externas dos partidos fascistas no entre-guerras. O caso latino-americano. » *Nuevo Mundo Mundos Nuevos* [En ligne], Colloques, mis en ligne le 06 juin 2017, consulté le 10 juin 2017. URL : <http://nuevomundo.revues.org/70513>

BERTONHA, João Fábio e BOHOSLAVSKY, Ernesto. *Circule por la derecha. Percepciones, redes y contactos entre las derechas sudamericanas, 1917-1973*. Los Polvorines: Ediciones Universidad Nacional de General Sarmiento, 2016.

CARDUCCI, Luigi Guarnieri Calò. “Peru: la “tentazione fascista” e le relazioni con l’Italia negli anni trenta.” In SCARZANELLA, Eugenia. *Fascisti in Sud America*. Firenze: Le Lettere, 2005, p. 55-109.

CANOSA, Romano. *La voce del Duce. L'Agencia Stefani: L'arma segreta di Mussolini*. Milano: Mondadori, 2003.

CODIROLI, Pierre. *L'ombra del Duce - Lineamenti di politica culturale del fascismo nel Cantone Ticino (1922-1943)*. Milano: Franco Angeli Editore, 1988.

_____. *Tra fascio e balestra. Un'acerba contesa culturale (1941-1945)*. Locarno: Armando Dadò, 1992.

DESCHAMPS, Bénédicte. "Echi d'Italia. La stampa dell'emigrazione." In FRANZINA, Emilio; DE CLEMENTI, Andreína; BEVILACQUA, Piero *Storia dell'emigrazione italiana*. Roma: Donzelli, 2002, p. 313-334.

GARZARELLI, Benedetta. "Fascismo e propaganda per l'estero: le origini della Direzione Generale per la Propaganda (1933-1934)." *Studi Storici*, v. 43, n. 2, p. 477-506, 2002.

_____. *"Parleremo al mondo intero". La propaganda del fascismo all'estero*. Alessandria: Edizioni dell'Orso, 2004.

PETERSEN, Jens. "L'accordo culturale tra l'Italie e la Germania del 23 novembre 1938." In BRACHER, Karl Dietrich. *Fascismo e nazionalsocialismo*. Bologna: Il Mulino, 1986, p. 331-387.

SCARZANELLA, Eugenia. "Il fascismo italiano in Argentina: al servizio degli affari." In SCARZANELLA, Eugenia. *Fascisti in Sud America*. Firenze: Le Lettere, 2005, p. 111-174.

SERGI, Pantaleone. "Funzioni pedagogiche, etniche e politiche della stampa italiana in Brasile." In HECKER, Alexandre e CAPPELLI, Vittorio. *Italiani in Brasile. Rotte migratorie e percorsi culturali*. Soveria Mannelli: Rubettino, 2010, p. 9-30.

SEITENFUS, Ricardo Antônio Silva. "As relações entre Brasil e Itália no período 1918-1939." In DE BONI, Luís Antônio. *A presença italiana no Brasil*. Porto Alegre: EST, Torino: Fondazione Giovanni Agnelli, v. 2, 1990, p. 37-52.

SERRA, Enrico. "Diplomazia italiana, propaganda fascista e immagine della Gran Bretagna." *Rivista di Storia Contemporanea*, v. 15, n. 3, p. 442-477, 1986.

TRENTO, Angelo. *La costruzione di un'identità collettiva. Storia del giornalismo in lingua italiana in Brasile*. Viterbo: Sette Città, 2011.

_____. *Imprensa italiana no Brasil. Séculos XIX e XX*. São Carlos: Edufscar, 2013.